

SOBREVIVER, ESPERANÇAR, VAGALUMEAR

PATRÍCIA BARONI

RESUMO

Esperançar em escrita vivendo tempos de regulação autoritária, por tantas vezes, parece algo impossível. Contudo, esse artigo não convida ao impossível, mas à “deslógica”, à subversão, ao outro lado da linha. Nesse outro lugar, vagalumes dançam sem se importarem com a invisibilidade ou com o suposto desaparecimento de seus brilhos intermitentes. O presente artigo se propõe a realizar um estudo narrativo-teórico enredando os movimentos de sobreviver, esperar e vagalumar. Dialogando com a produção de Didi-Huberman e Latour, esperando com Paulo Freire e reexistindo com os vaga-lumes, tecemos aqui a sensibilidade metodológica que permite acessar o que hegemonicamente nos foi apresentado enquanto inacessível. Trata-se de pequenas esperanças cotidianas, inscritas no *apesar de tudo* (DIDI-HUBERMAN, 2011), que nos fazem sobreviver.

Palavras-Chave: Sobreviver. Esperançar. Vagalumar.

TO SURVIVE, TO HOPE, TO FIREFLY

ABSTRACT

To have hope in writing when living in the authoritarian regulation era, for so many times, seems impossible. However, this work does not invite the impossible, but the “dislogical”, the subversion, to the other side of the line. In this other place, fireflies dance without regard to invisibility or the supposed disappearance of their intermittent glows. This work proposes to carry out a narrative-theoretical study, intertwining the movements of surviving, hoping and “fireflying”. In dialogue with the production of Didi-Huberman and Latour, hoping with Paulo Freire and reexisting with the fireflies, we weave here the methodological sensibility that allows accessing what hegemonically has been presented to us as inaccessible. It is about small daily hopes, inscribed in despite everything (DIDI-HUBERMAN, 2011), that make us to survive.

Keywords: To Survive. To Hope. To firefly.

SOBREVIVIR, ESPERANZAR, LUCIERNAGAR

RESUMEN

Esperanzar por escrito viviendo en tiempos de regulación autoritaria, por tantas veces, parece imposible. Sin embargo, este artículo no invita a lo imposible, sino a la “dislogica”, a la subversión, al otro lado de la línea. En este otro lugar, las luciérnagas bailan sin importar la invisibilidad o la supuesta desaparición de sus intermitentes resplandores. Este artículo propone realizar un estudio narrativo-teórico, entrelazando los movimientos de sobrevivir, esperar y luciernagar. En diálogo con la producción de Didi-Huberman y Latour, esperando con Paulo Freire y reexistiendo con las luciérnagas, tejemos aquí la sensibilidade metodológica que permite acceder a lo que hegemónicamente nos presenta como inaccesible. Son pequeñas esperanzas cotidianas, inscritas *a pesar de todo* (DIDI-HUBERMAN, 2011), que nos hacen sobrevivir.

Palabras clave: Sobrevivir. Esperanza. Luciernagar.

INTRODUÇÃO: ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE OS VAGA-LUMES

Escrever nem uma coisa
 Nem outra -
 A fim de dizer todas -
 Ou, pelo menos, nenhuma.
 Assim,
 Ao poeta faz bem
 Desexplicar -
 Tanto quanto escurecer acende os vaga-lumes.
 Manoel de Barros

E assim inicio esse artigo com a humilde pretensão de *desexplicar* e de *esperançar* para garantir sobrevivências de vaga-lumes. Sim, somos todos vaga-lumes. Cada vez mais. Nossos brilhos são intermitentes, nossa dança é errática, submetemo-nos às grandes luzes. Mas resistimos. Reexistimos. E a beleza está aí: nas sobrevivências.

Essa escrita nasce na pesquisa de doutorado que concluí em 2016. A tese, intitulada *Sustentabilidades praticadas pensadas: lampejos de pirilampos das escolas de difícil acesso de Duque de Caxias/RJ*, se dedicou a cartografar as lutas pela sobrevivência enquanto modos de (re)existência nas unidades escolares que nomeei como “escolas-pirilampo” buscando destacar sua potência ecológica.

Nesta pesquisa, ao viver com e nas escolas a dança dos pirilampos, percebi que o que produzi não se configurou como uma pesquisa minha sobre as escolas, mas como um convite ao bailado no qual pude experimentar outras democracias, outras possibilidades políticas, além da perplexidade e da composição do bom cosmo. Cheguei ao final da escrita da tese como também pirilampo, praticante comprometida com a ecologia política e a tessitura de políticas da natureza. Compreendi que as sobrevivências dos pirilampos são também minhas sobrevivências.

Cinco anos depois, retorno a esta produção, não mais com o objetivo de ir em busca dos pirilampos e de seus brilhos intermitentes, mas de anunciar os movimentos que hoje me inscrevem como também vaga-lume.

São eles: sobreviver, esperançar, vagalumear.

Mas, quem são os vaga-lumes?

O poema *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, é composto por um canto introdutório e por três partes: Inferno, Purgatório e Paraíso. Cada parte é integrada por trinta e três cantos, de pouco mais do que uma centena de versos cada um. Na narrativa consta que, sob a crosta terrestre, mais precisamente debaixo de Jerusalém, abriu-se uma profunda fenda no formato de cone que chegou até ao centro da Terra. A abertura dessa depressão foi provocada pelo anjo rebelde Lúcifer que estava cravado no fundo do abismo. Nessa depressão, que se abismou em nove círculos concêntricos, estava situado o Inferno. Os condenados se encontravam disseminados nesses círculos de acordo com a gravidade de seus pecados.

É para a oitava vala do Inferno de Dante, conforme consta no vigésimo sexto canto, que chamo a atenção por aqui. Esse lugar de condenação dos conselheiros pérfidos é descrito como um espaço infestado de pequenas chamas errantes que parecem vaga-lumes, tal qual aqueles que costumamos encontrar nas noites de calor no campo. Nela, os

pirilampos vagam fracamente, trêmulos, e seriam considerados uma glória miserável dos condenados que jamais teriam acesso à claridade e aos bens celestiais do Paraíso. Se constituem, portanto, apenas como o lampejo fraco e dolorido dos pecados que se arrastam sob uma acusação e castigo infinitos.

É a partir de um olhar cuidadoso para essas pequenas luzes que pretendo *desexplicar* os vaga-lumes. Entretanto, ao passo em que Dante discorre sobre a grande luz do Paraíso como um lugar de redenção e sobre as pequenas luzes desses vaga-lumes como um castigo eterno aos condenados, penso nas possibilidades de, assim como Didi-Huberman (2011) propõe no livro *A sobrevivência dos vaga-lumes*, imaginar uma inversão completa das relações entre a grande luz e as pequenas luzes. Tal como cita o autor:

É um tempo em que os “conselheiros pérfidos” estão em plena glória luminosa, enquanto os resistentes de todos os tipos, ativos ou “passivos” se transformam em vaga-lumes fugidios tentando se fazer tão discretos quanto possível, continuando ao mesmo tempo a emitir seus sinais. O universo dantesco, dessa forma, inverteu-se: é o inferno que, a partir de então é exposto com seus políticos desonestos, superexpostos, gloriosos. Quanto aos *lucioles*, eles tentam escapar como podem à ameaça, à condenação que a partir de então atinge sua existência. (p.17)

Buscar o brilho dos pirilampos quando as grandes luzes permanecem acesas não é uma tarefa simples. Trata-se de subverter ou desviar nosso olhar daquilo que ofusca. Mais que isso, trata-se de tornar *crível* quando grande parte dos fios que tecem as nossas redes cotidianas mantém como *regime de verdade* (FOULCALT, 2007) a claridade do “Paraíso”.

Ao reconhecer uma comunidade de pirilampos, compreendemos, pois, a sua potência de “re-existência” e de suas práticas sociais, em espaços de movimentos contraideológicos que vêm assegurando a sua sobrevivência. Convido, então, a uma reflexão acerca do que nomeio como sobreviver enquanto vaga-lume.

1. SOBREVIVER

Quando me proponho a partir em busca dos brilhos dos vaga-lumes, reconheço neles uma verdadeira capacidade de resistência histórica, logo política, em suas vocações antropológicas para a sobrevivência. Entretanto, o descontentamento produzido pelos muitos contramovimentos que ofuscam o brilho dos vaga-lumes faz emergir teorias sobre seu desaparecimento.

Pier Paolo Pasolini, ao narrar o desagrado e a inconformação com a situação política de seu tempo e de seu país, teorizou o “desaparecimento dos vaga-lumes”. Ao utilizar essa imagem *poéticoecológica*, Pasolini não minimizou a crueldade do fenômeno identificado por ele. Buscou, porém, ressaltar o processo político em questão.

No início dos anos de 1960, devido à poluição da atmosfera e, sobretudo, do campo, por causa da poluição da água (rios azuis e canais límpidos), os vaga-lumes começaram a desaparecer. Foi um fenômeno fulminante e fulgurante. Após alguns anos, não havia mais vaga-lumes. Hoje é essa a lembrança um tanto pungente do passado. (PASOLINI, 1975. p. 405)

Penso, porém, na diferença entre o desígnio de uma máquina totalitária e a atribuição tão imediata a ela de uma vitória permanente; na diferença entre aquilo que tal máquina pretende nos fazer ver, acreditar, e as possibilidades de afinar o olhar para buscar os lampejos dos vaga-lumes.

Ao passo que tantos profetizam o desaparecimento dos pirilampos, a intermitência do brilho nos leva de volta aos vaga-lumes, certamente: luz pulsante, passageira, frágil. O que transborda é o fato de que eles “desapareceram” simplesmente do campo de visão do espectador que renuncia a segui-los. Eles desaparecem, pois o espectador se instala no “seu” lugar que não é mais o melhor lugar para vê-los. *É necessário abrir os olhos na noite, se deslocar sem descanso, voltar a procurar os vaga-lumes.* (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.49)

É importante saber que, *apesar de tudo*, os vaga-lumes formaram em outros lugares suas belas comunidades luminosas. Nesse sentido, Didi-Huberman tece sua reflexão acerca das sobrevivências. Elas se relacionam ao *apesar de tudo*.

Devemos, portanto, - em recuo do reino e da glória, na brecha aberta entre o passado e o futuro - nos tornar vaga-lumes e, dessa forma, formar novamente uma comunidade do desejo, uma comunidade de lampejos emitidos, de danças *apesar de tudo*, de pensamentos a transmitir. Dizer sim na noite atravessada de lampejos e não se contentar em descrever o não da luz que nos ofusca. (DIDI-HUBERMAN, 2011, P. 154).

Nesse sentido, afirmo que minha concepção de pesquisar abarca ser e ver vaga-lume: experimento e localizo o espaço intersticial, intermitente, nômade, situado no improvável, das aberturas, dos possíveis, dos lampejos, dos *apesar de tudo*.

A reflexão acerca das sobrevivências pode trazer o risco de limitar o termo a um conjunto de especulações que as consideram como aquilo que subsiste após uma perda. Contudo, os sentidos para as sobrevivências aqui transbordam tal conjunto. Trato de novos modos de existir, de *reexistências*.

Didi-huberman, filósofo e historiador da arte, ao pesquisar as imagens de Aby Warburg registra que para apreender a sensibilidade das imagens é preciso ter como fio condutor um conceito tão fundamental quanto mal-interpretado: *as sobrevivências*. De acordo com o autor,

ficamos diante de imagem como diante de um tempo complexo. Nessa perspectiva, a obra de arte não se deixa resolver tão facilmente pela história, apresenta-se antes como um "ponto de encontro dinâmico" de historicidades heterogêneas e sobredeterminações: relações com as múltiplas dimensões da vida, com os modos de agir, pensar ou crer, sem os quais toda imagem perderia "seu próprio sangue". Haveria assim uma dinâmica interna das imagens, um tempo que lhes é próprio: denso, porque formado de sobreposições e misturas entre instâncias históricas particulares. A sobrevivência, do alemão *Nachleben*, é o nome deste tempo. (DIDI-HUBERMAN, p. 41, 2013).

Para Latour (1994), sobrevivências se relacionam diretamente a *modos de existência*. Alguns grupos, de acordo com o autor, se constituíram com outras maneiras de tecer políticas, relações e existências. Entretanto, vivem sob o assombro de uma política ocidental impregnada de um fundamentalismo que se traduz em todos os países por valores indiscutíveis.

Estamos sob constrangimento ecológico – isto é, sob o constrangimento desse personagem chamado Gaia. Todos se encontram sob o constrangimento da questão da sobrevivência com todos esses coletivos que têm versões completamente diferentes da natureza, dos seres do mundo, dos modos de relações. Todos os coletivos se encontram diante de uma situação que é nova: a tensão da Terra, desse globo que irrompe em todos os coletivos, incluindo os tradicionais. (LATOURE, 1994, p. 506).

Do mesmo modo, os pirilampos apresentam cotidianamente suas sobrevivências. São recusas, negociações, bons encontros, releituras, vivências próprias, movimentos e resistências *praticadas pensadas* cotidianamente. A invisibilidade a que os pirilampos acabam sendo relegados provém de um fundamentalismo das instâncias que possuem mais árbitros.

Em oposição ao fundamentalismo da política com seus jogos de interesses e de poderes, Latour propõe um *composicionismo*. É precisamente com a ideia e o trabalho de composição que o autor pretende superar as dicotomias modernas intransitivas e cada vez mais esgotadas.

Composição, para o autor, é uma expressão que substitui a definição clássica da política: o mundo comum não é estabelecido imediatamente, mas deve ser colecionado pouco a pouco para consolidar um trabalho diplomático, o que é comum às diferentes proposições, que insistem na dinâmica do coletivo, à procura da boa articulação, do bom cosmo. (Latour, 2004).

Destaco o termo *diplomacia* como uma sobrevivência. Se constitui enquanto um meio que permite sair da situação de guerra ao mesmo tempo em que procura a experiência do coletivo sobre o mundo comum, por modificação de suas exigências essenciais. Neste sentido, entendo os pirilampos como *diplomatas*. Os diplomatas se apresentam quando a capacidade do conflito é exaurida. As experiências dos pirilampos evidenciam que estamos em guerra com relação à composição, aos seres do mundo, às cosmologias. Não se trata de um conflito de fato, mas de naturalizações. A questão é que a diplomacia só existe porque há guerra.

Nas dinâmicas cotidianas dos pirilampos não há árbitros. Só há diplomacia onde não existem árbitros. E assim, os diplomatas vão defendendo seus modos de existências, suas sobrevivências, mergulhados na exaustão dos conflitos de composição de mundos.

E com a utopia do *pluriverso*, termo aprofundado por Latour (2001), para questionar a ideia de universo, as sobrevivências dos vaga-lumes se enredam, provocam negociações dentro de uma perspectiva de composição progressiva do mundo comum. Pluriverso são as *naturezas*, ou seja, a natureza entendida não mais como uma unidade, mas como pluralidade. Segundo Latour, ao compreender a realidade das *naturezas* e não mais da unidade da natureza, nos inscrevemos num processo que considera a multiplicidade de todos os atores, humanos e não humanos, que habitam o pluriverso.

2. ESPERANÇAR

Não sou esperançoso por pura teimosia,
mas por imperativo existencial e histórico.
(FREIRE, 1992)

Tecidas estas proposições iniciais acerca do sobreviver enquanto movimento, penso que seja o momento de elencar o movimento de esperançar que trará os brilhos das danças dos pirilampos que *reexistem*.

Ao pensar em vaga-lumes, sabemos que a poluição nas águas no campo faz com que morram, a poluição do ar da cidade também. Temos a consciência de que a iluminação artificial é perturbadora para a vida dos pirilampos, tal como a de muitos outros seres noturnos.

Apesar de tudo, é primordial supor que os pirilampos acabaram por construir em outros lugares as suas belas comunidades luminosas onde podem promover um “brilho menor”.

“Brilho menor” não se refere a uma escala ou a uma dimensão, nem a uma hierarquia. Corresponde ao que Deleuze e Guattari (2014) nomeiam como “literatura menor” ao mergulharem nos escritos de Kafka. Trata-se de um agenciamento, de uma prática. De acordo com os autores, uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior (p. 35).

Na caracterização de uma literatura menor, Deleuze e Guattari elencam alguns elementos fundamentais: um forte coeficiente de desterritorialização, a natureza política e o fato de que tudo adquire um valor coletivo.

Penso nos vagalumes, portanto, como produtores de um brilho menor; que não é, em verdade, um brilho inferior, mas um brilho que exige a renúncia de sua busca nos lugares mais prováveis. Tal renúncia é plenamente política e necessariamente coletiva. Como Didi-Huberman (2011, p. 55) salienta, a dança viva dos vaga-lumes se efetua justamente no meio das trevas.

E é exatamente no momento em que os muitos holofotes legitimam o discurso do descarte dos pirilampos que a dança viva está acontecendo, mas para poucos. Somente para quem renuncia o rolo compressor da desesperança.

Neste sentido, ao mesmo tempo em que discursos pragmáticos ampliam seus territórios de ocupação, em que utopia e inutilidade são fortemente relacionados, em que o ódio e o autoritarismo se instalam enquanto verdades universais, esperançar se revela um movimento desvelador, subversivo e emancipatório.

Há esperança em cada vagalume. Há esperança em cada um de nós. *Esperançar é uma necessidade ontológica* (FREIRE, 1992).

O esperançar pirilampo não se pretende transformador de tudo e de todos, mas necessário à sobrevivência. Não se trata de um movimento que se baste para a transformação social. De maneira isolada, se torna um movimento ingênuo e que nega a existência da desesperança. O esperançar pirilampo pressupõe a herança crítica do voo difícil de todo dia, da fragilidade e da luta. Pressupõe sobreviver.

Pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. Mas prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo, como se a luta se pudesse reduzir a atos calculados apenas, à pura cientificidade, é frívola ilusão. Prescindir da esperança que se funda também na verdade como na qualidade ética da luta é negar a ela um dos seus suportes fundamentais. O essencial é que ela, enquanto necessidade ontológica, precisa ancorar-se na prática. Enquanto necessidade ontológica, a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã. (FREIRE, 1992, p.5)

Vagalumes esperançam desvelando possíveis, não importam os obstáculos. Sem a esperança, vagalumes não sobrevivem e, quando o fazem, experimentam uma luta cotidiana punitiva.

Sobrevivendo, esperançando, alcançamos o terceiro movimento: vagalumear.

3. VAGALUMEAR

A solidariedade é o conhecimento obtido no processo, sempre inacabado, de nos tornarmos capazes de reciprocidade através da construção e do reconhecimento da intersubjetividade. A ênfase na solidariedade converte a comunidade no campo privilegiado do conhecimento emancipatório. (SANTOS, 2007, p.81)

É o *saber-solidariedade* que une os vagalumes na sobrevivência e na esperança. É possível afirmar inclusive o *saber-solidariedade* é um *saber-vaga-lume*: são pequenos fragmentos de reciprocidade, presentes nas microrrelações. Esses saberes produziram em mim a dinâmica que congrega cumplicidade ecológica e encantamento pela singeleza na promoção de uma justiça epistemológica que dispõe na mesma mesa saberes múltiplos, historicizados, cosmopolitas.

Todos esses saberes que agora percebo presentes em minha trajetória pessoal, no compromisso ecológico com os pirilampos, o acolhimento epistemológico presente nos bons encontros com eles, me levaram a optar por buscar os lampejos singelos dos vagalumes. Foram esses elementos que permitiram que a dança de brilhos intermitentes fosse elencada como tão potente quanto qualquer outro saber. Portanto, isso significa pensar esse debate tendo como referência nossas práticas pirilampo que se traduzem como ações que amplificam o campo de possíveis das dinâmicas democráticas, apoiadas na concepção de que *a democracia é uma obra de arte político-cotidiana que exige atuar no saber que ninguém é dono da verdade e que o outro é tão legítimo quanto qualquer um* (MATURANA, 2002, p.75).

A *ecologia de saberes*, noção desenvolvida por Santos (2006, 2007, 2008, 2010) trata do reconhecimento da diversidade epistemológica do mundo. Essa diversidade, também cultural e ontológica, se traduz em uma multiplicidade de concepções de ser e estar no pluriverso. Abrange múltiplos modos de existência, de sobrevivência, de esperançar e de vagalumear.

A ecologia de saberes é um conjunto de epistemologias que partem da possibilidade da diversidade e da globalização contra-hegemônicas e pretendem contribuir para as credibilizar e fortalecer. Assentam em dois pressupostos: 1) não há epistemologias neutras e as que clamam sê-lo são as menos neutras; 2) a reflexão epistemológica deve incidir não nos conhecimentos em abstrato, mas nas práticas de conhecimento e seu impactos noutras práticas sociais. Quando falo de ecologia de saberes, entendo-a como ecologia de práticas de saberes. (SANTOS, 2006, p.154)

Elencar uma ecologia de saberes enquanto uma ecologia praticada sugere a fragilização do cânone que reconhecia a ecologia como congregação de saberes científicos. Latour (2004), analisando os modos como a sociedade constituiu o termo ecologia, contribui para este debate ao afirmar que

A natureza torna-se reconhecível por intermédio das ciências; ela é formada através das redes de instrumentos; ela se define pela interpretação das profissões, de disciplinas, de protocolos; ela é distribuída em base de dados; ela é argumentada por intermédio das sociedades de sábios. A ecologia como seu nome indica, não tem acesso diretamente à natureza, tal qual ela é; é uma *logia*, como todas as disciplinas científicas. (p. 14-15)

Vagalumear é um “mutirão”, constrói-se coletivamente. Saber escutar profundamente é um dos seus princípios básicos. E ainda, tão importante quanto saber escutar, é não ocultar as divergências que existem entre os diferentes sujeitos, movimentos e organizações. Isto, porque o movimento de vagalumear não é uma ferramenta epistemológica ou política de diálogo entre opressores e oprimidos, mas uma estratégia para criar força coletiva na luta contra a opressão com base em conversas entre parceiros de diálogo.

Somente num *espaçotempo* em que o *parlamento das coisas* (LATOURE, 1994, 2004) é princípio de (re)existência, se pode observar a dança sedutora dos vaga-lumes. Vaga-lumes não dançam para iluminar cidades, para exibir aos humanos seus brilhos, para fazer um “espetáculo da natureza” para nós! Os pirilampos bailam para seduzir. Eles piscam para atrair o sexo oposto e, assim, conseguem se reproduzir.

Os lampejos cotidianos são produzidos para promover uma relação de afetos. Não são feitos como meio de exibição para os grandes holofotes, para a sociedade do espetáculo. Precisam, portanto, se instalar nos *espaçotempos* mais “escuras” que permitam essa reprodução. *É preciso saber que, apesar de tudo, os vaga-lumes formaram em outros lugares suas belas com unidades luminosas.* (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.50).

Para conhecer os vaga-lumes, é preciso observá-los no presente de sua sobrevivência: é preciso vê-los dançar vivos no meio da noite, ainda que essa noite seja varrida por alguns ferozes projetores. Ainda que por pouco tempo. Ainda que por pouca coisa a ser vista: é preciso cerca de cinco mil vaga-lumes para produzir uma luz equivalente à de uma única vela. (Didi-Huberman, 2011, p. 51)

É por esta razão que os vaga-lumes brilham: ao emitirem seus lampejos, eles se reproduzem e garantem as suas sobrevivências. Eles asseguram, sobretudo, a sobrevivência de seus modos de estar no pluriverso.

Os vagalumes desapareceram? Certamente não. Alguns estão bem perto de nós, eles nos roçam na escuridão, outros partiram para além do horizonte, tentando reformar em outro lugar sua comunidade, sua minoria, seu desejo partilhado. *Povos-vaga-lumes*, quando se retiram na noite, buscam como podem sua liberdade de movimento, fogem dos projetores do “reino”, fazem o possível para afinar seus desejos, emitir seus próprios lampejos e dirigi-los a outros.

Busquei neste artigo extrair *imagens-vaga-lumes* no limiar da sua sobrevivência, sempre movida pela urgência da fuga, sempre próxima daqueles que, para realizar seus projetos, se escondiam na noite e tentavam o impossível, arriscando sua existência.

Vagalumear, como informei no início desta escrita, não se configurou como uma pesquisa minha sobre os pirilampos, mas como um convite ao bailado. Nesse contexto inscrevo meu comprometimento com o vagalumear potente e criativo, seus brilhos menores, invisibilizados, intermitentes que sugerem modos outros de ser e de estar no pluriverso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia**. 13. reimp. São Paulo: Martin Claret, 2013.
- BARONI, Patrícia. **Sustentabilidades praticadaspensadas: lampejos de pirilampos das escolas de difícil acesso de Duque de Caxias/RJ**. 2016. 238 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. **Por uma literatura menor**. Belo Horizonte: autêntica editora, 2014.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 24. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.
- LATOUR, Bruno. **Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia**. Bauru: Edusc, 2004.
- LATOUR, Bruno. **A esperança de Pandora**. Bauru: Edusc, 2001.
- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1994.
- MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. 3.ed. Belo Horizonte: UFGM, 2002.

PASOLINI, Pier Paolo. **Escritos corsários: cartas luteranas**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1975.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal das linhas globais a uma ecologia dos saberes**. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENEZES, Maria Paula (Orgs). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez 2006.

Submetido em abril de 2021.

Aprovado em julho de 2021.

Autoria

Patricia Baroni

Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutora em Educação formada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo e mestre em Educação formada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1998) e especialização em Supervisão Educacional pela Universidade Cândido Mendes (2002). É coordenadora do grupo de pesquisa Ecologias do Narrar e do projeto de extensão Reinvenção do Ler, do Escutar, do escrever e do Falar com Você.

E-mail: patyybarone@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1570-9816>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2974793513488242>